

NEUROLITERATURA: ECOS DE UMA SOCIEDADE PÓS-MODERNA?

HERTHA FERES*

ROSA MARIA VALENTE FERNANDES**

* Licenciada em Letras (português/ inglês) pela Universidade Católica de Santos; e-mail: eddyhertha@gmail.com

** Mestre e Doutora pela Universidade de São Paulo; e-mail: rosaix@uol.com.br

RESUMO

Neuroliteratura é um neologismo criado pelo crítico literário americano Marco Roth, para se referir à uma tendência na literatura contemporânea anglo-americana em utilizar como premissa distúrbios psiquiátricos. Este trabalho acadêmico apresenta a proposta de pesquisar Neuroliteratura por meio da análise do personagem protagonista do romance *O Lado Bom da Vida*, de Matthew Quick. Pretendemos refletir linguística, semântica e estilisticamente quais os aspectos presentes na literatura moderna contemporânea que caracterizam essa nova tendência e as características de verossimilhança com a sociedade pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE

Neuroliteratura, Pós-modernidade.

INTRODUÇÃO

No ano de 2009, a revista literária americana *n+1* publicou um artigo do crítico Marco Roth a respeito do crescimento de uma tendência na literatura anglo-americana em utilizar distúrbios mentais como premissa nos romances contemporâneos. Roth (2009,v.8) denominou esse tipo de ficção de Neuroliteratura.

Para o crítico, o neuroromance representa o destino do romance psicológico na era contemporânea, uma vez que a psicologia foi substituída pelas ciências cognitivas, ou neurociência.

Personagens com distúrbios mentais na literatura não são algo novo, mas geralmente esses são personagens secundários, usados como ponte para determinado contexto ou críticas sociais. Nos neuroromances, os distúrbios mentais não ficam implícitos, ao contrário, são o fio condutor da narrativa.

O que leva os escritores atuais a recriar histórias através de premissa psiquiátrica? Seria um reflexo da sociedade contemporânea? Estamos vendo o nascer de um novo gênero literário? São essas indagações que nos levaram a pesquisar a respeito de neuroliteratura.

Por ser um assunto relativamente novo, poucos estudos são encontrados a respeito, mas através da análise do protagonista de um neurorromance e estudos sobre contemporaneidade e literatura, buscamos refletir linguística, semântica e estilisticamente quais os aspectos da literatura moderna contemporânea que caracterizam essa nova tendência.

Para alicerçar nossa proposta de trabalho, escolhemos o romance *O Lado Bom da Vida*, de Matthew Quick (2012). O romance é narrado em primeira pessoa pelo protagonista Patrick (Pat) Peoples, um ex-professor de História que, após trauma emocional, passou quatro anos em uma instituição psiquiátrica.

Ao retornar à sua cidade natal, com sua memória fragmentada, sem a noção do tempo que realmente ficou internado, o protagonista procura recompor sua vida. Seu objetivo é estar física e emocionalmente preparado para a reconciliação com Nikki, sua ex-mulher, depois do “tempo separados”, pois acredita em finais felizes.

O enredo de *O Lado Bom da Vida* situa-se no ano de 2006, correspondendo a fatos ocorridos em um espaço de tempo entre 2002 e 2006. Mathew Quick situa a trama através da citação de filmes, músicas e de situações verídicas, como o fato de Patrick descobrir que o “Vet”, estádio no qual seu time –o Eagles- jogava, não existia há cerca de dois anos. De fato, o Veterans Stadium (“Vet” como é conhecido), casa do time de futebol americano Philadelphia Eagles, após 32 anos de existência foi implodido, na data de 31 de março de 2004 e um novo estádio foi construído em Filadélfia.

Com isso, o autor identifica a história com a era atual, conhecida como pós-modernidade¹.

1. EMBASAMENTO TEORICO

O suporte teórico do estudo está embasado, principalmente, nas seguintes obras:

- Antonio Candido: *A Personagem de ficção*
- Beth Brait: *A Personagem*
- O conceito de estilo em Bakhtin: dimensão teórica e prática
- Domicio Proença Filho: *A linguagem literária*
- Miriam B. Puzzo: *Gênero discursivo, estilo, autoria*
- Zygmunt Bauman: *O mal-estar da Pós-modernidade*

Vida líquida.

1.1 Zygmunt Bauman e o mal-estar das sociedades pós-modernas

Um dos pensadores mais significativos na temática da pós-modernidade é Zygmunt Bauman (1925-2017), sociólogo e filósofo polonês que viveu na Inglaterra desde a década de 1970 até sua morte, em 2017. O sociólogo polonês elegeu o termo “Modernidade Líquida” para se referir à era contemporânea. Segundo ele, a metáfora da liquidez insinua fluidez e impermanência, traços típicos da atual sociedade, e que gera uma vida de incertezas:

“Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais
agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele neces-

sário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir (BAUMAN, 2007, p. 7).

Segundo Bauman (1998, p 8), “os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade”. Este estilo de vida é constantemente alimentado pelo mercado de consumo, sempre seduzindo com novas sensações e experiências.

Bauman, ao referir-se à pós-modernidade, fala de um mundo cada vez mais mercantilizado, no qual a produção material concentra-se nas mãos de grandes empresas. Um mundo marcado pelo desemprego estrutural e desigualdade na distribuição de renda, e que não oferece chances para que os “estranhos” possam se inserir. Os “estranhos”, para ele, seriam aqueles que não correspondem aos modelos cognitivo, moral e estético da sociedade. Por obscurecerem a ordem constituída, ou seja, tornarem evidente as mazelas da realidade, esses “estranhos” provocam a incerteza, considerada a menos tolerável experiência do mal-estar. Sendo assim, precisam ser banidos do mundo ordeiro para “as paredes visíveis dos guetos”, ou para “as paredes invisíveis” das proibições de relacionamento social, intercâmbio de emoções e ideias.

No início do romance *O Lado Bom da Vida*, o protagonista Patrick Peoples se encontra em uma instituição psiquiátrica, devido a desequilíbrios emocionais que afetavam sua convivência social. Assim, ele esteve “banido” da sociedade por quatro anos. Ele denomina o local de “lugar ruim”, porque ali “ninguém acredita no lado bom das coisas, no amor ou em finais felizes” (QUICK, 2012, p 8), assuntos que não cabem em uma sociedade individualista e que se mantém sempre temerosa em perder posição e prestígio. Ao mesmo tempo que quer sair da instituição, Patrick tem medo de retornar à sua antiga vida, pois sabe que terá de enfrentar “as paredes invisíveis” do preconceito de amigos e familiares.

Outra característica do mundo pós-moderno, pautada por Bauman, é a velocidade com que as mudanças ocorrem, o que alimenta a superficialidade. Os projetos de vida individuais não encontram estabilidade, as identidades individuais são flutuantes, a imagem é de um mundo destituído de solidez e continuidade, gerando o grande mal-estar da incerteza permanente e irreduzível:

O sentimento dominante, agora, é a sensação de um novo tipo de incerteza, não limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas igualmente a respeito da futura configuração do mundo, a maneira correta de viver nele e os critérios pelos quais julgar os acertos e erros da maneira de viver. O que também é novo em torno da interpretação pós-moderna da incerteza[...]é que ela já não é vista como um mero inconveniente temporário (BAUMAN, 1998, p 32).

Os efeitos psicológicos de um mundo incerto, vão além dos “estranhos” e despojados. Incerta de sua sobrevivência, a sociedade pós-moderna desenvolve seus próprios “demônios interiores”, os medos reprimidos e que circulam diariamente. Esses medos precisam ser dominados, removidos do cotidiano e moldados em um corpo pré-definido pelo mercado.

Patrick, o protagonista de *O Lado Bom da Vida*, compreende bem isso:

[...] as pessoas fora das instituições de saúde mental precisam ter boas regras morais para que o mundo continue a funcionar sem grandes interrupções; e para que os finais felizes floresçam (QUICK, 2012, p 55).

1.2 Pós-modernidade e os sofrimentos psíquicos

São vários os fatores da vida pós-moderna que contribuem para um aumento dos comportamentos desviantes e patológicos: além do consumismo frenético - e como resultado deste-, o narcisismo, o individualismo, a busca pela perfeição, o medo do fracasso, a insegurança etc. As causas dos transtornos mentais, hoje em dia, são multifatoriais, mas sempre em compasso com um estilo de vida difuso, conflitante e, principalmente, inseguro.

Pode-se pensar o quanto se é violentado por um tempo que passa depressa demais, arrebatando todo o “tempo” que se tem; o quanto se é violentado pela cultura do belo, pelo imperativo do prazer, pela solidão que vem da superficialidade das relações, enfim, por algumas das coisas que têm sido chamadas de características do pós-moderno (FEINSTERSEIFER e WERLANG, 2006, p. 36).

Até a década de 1950, prevaleceu uma maior visão psicossocial do homem no tratamento das patologias da mente. A partir da segunda metade do século, cresce a psiquiatria farmacológica e o tratamento medicamentoso ganha força. A medicalização das psicopatologias, em detrimento aos longos exames diagnósticos do início do século XX, também são reflexos do contexto pós-moderno. As “dores da alma” buscam alívio imediato nas “pílulas da felicidade”. Hoje, os ansiolíticos e antidepressivos são as drogas mais prescritas, trazendo grandes lucros à indústria farmacológica:

Vou aumentar a dosagem dos seus remédios – diz Dr. Patel. – Talvez você se sinta um pouco lento, mas deve ajudar a conter os seus ímpetos violentos. Você precisa saber que são suas ações que fazem de você uma boa pessoa, não sua vontade. E se você tiver outro episódio de crise, talvez eu tenha de recomendar que volte à unidade de saúde mental para tratamentos mais intensivos. (QUICK, 2012, p 40)

1.3 A personagem de ficção

Sendo o personagem-protagonista de *O Lado Bom da Vida* o nosso elemento de análise dentro da narrativa, achamos importante abordar a respeito da personagem de ficção. Este elemento tão relevante na narrativa literária tem sido objeto de estudo desde a Grécia antiga, com o conceito aristotélico de *mimesis*. Personagem e enredo estão intimamente ligados. Nas palavras de Antonio Candido (1981, p 39), “enredo e personagem exprimem os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”.

Portanto, se queremos avaliar a representatividade de uma realidade exterior ao texto através da(s) personagem(s), precisamos desnudar esse texto, observar a forma como o autor constrói a(s) personagem(ns).

Aristóteles, o filósofo grego, aponta como um dos aspectos importantes para a compreensão da personagem a semelhança com a pessoa humana. O conceito de “semelhança” ou “verdade”, na filosofia aristotélica, referido como *mimesis*, é controverso, pois muitas vezes é entendido como imitação do real. Mas, conforme Beth Brait (2002, p. 29), “Aristóteles estava preocupado não só com aquilo que é ‘imitado’ ou ‘refletido’ num poema, mas com a própria maneira de ser do poema e com os meios utilizados para a elaboração de sua obra”.

Muito mais que uma imitação do real a obra literária busca uma composição daquilo que poderia ser a realidade, ou a verossimilhança. A narrativa deve ser constituída de uma lógica que provoque no leitor a sensação de que os fatos são passíveis de acontecer. Sendo assim, dentre as características do discurso literário, este deve apresentar:

- *Verossimilhança externa* – aquilo que é aceito, pelo senso comum, como algo possível de acontecer.
- *Verossimilhança interna* – coerência narrativa no que se relaciona com as personagens e situações por elas vivenciadas:

O termo “verdade”, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com frequência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade [...] a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade. (CANDIDO, 1981, p 18).

Graças a organização estética do texto – e não podemos deixar de comentar sobre a inclusão de pequenos detalhes e a veracidade de dados insignificantes - é que se constitui a verossimilhança. Assim sendo, para uma narrativa ser “cópia fiel” da realidade, sua organização deve apresentar uma estrutura coerente e é através da personagem que o mundo imaginário se torna compreensível. O ser fictício deve apresentar certa relação com a realidade, atuando em um universo de ação e sensibilidade que lembre o mundo real, dando a impressão de que é um ser vivo

Percebemos em *O Lado Bom da Vida* várias situações que remetem à verossimilhança. Como comentado anteriormente, o autor Matthew Quick, utiliza aspectos da vida real, como o time de futebol americano, o Eagles, para aproximar a narrativa do leitor. Permeando todo o romance, o grito de guerra dos torcedores do Bird, como é carinhosamente chamado o time Eagles, é fator de união e identificação entre os personagens:

Quando digo “Força, Birds!”, meu irmão se volta para mim, ergue as duas mãos e diz “Ahhhhhhhhhhhhhh!”, até que Ronnie e meu pai também se levantam, olham para mim, erguem as mãos e dizem “Ahhhhhhhhhhhhhhhh!”*. Quando eu levanto as mãos e digo “Ahhhhhhhhhhhhhhhh!”*, nós quatro começamos a cantar, soletrando rapidamente as letras com nossos braços e corpos – “E!A! -G!-L!-E!S! EAGLES!” –, estendendo dois braços e uma perna para fazer um E, tocando as pontas dos dedos acima de nossas cabeças para fazer um A, e assim por diante. (QUICK, 2012, p. 66).

Ao longo do tempo, a análise da personagem sempre esteve atrelada à especificidade dos textos. Esta especificidade reflete as várias tendências produzidas em épocas diversas. De acordo com Brait (2002, p. 47), “uma abordagem atual da personagem de ficção não pode descartar as contribuições oferecidas pela Psicanálise, pela Sociologia, pela Semiótica e, principalmente, pela Teoria Literária moderna centrada na especificidade dos textos”.

É no texto, através de todo um trabalho de linguagem, que a personagem é materializada. Destarte, é na narrativa que se encontram as formas utilizadas pelo escritor para caracterizá-las e tornar viva sua presença e sentimentos: “[...]a ideia de reprodução e invenção de seres humanos combina-se no processo artístico, por meio dos recursos de linguagem de que dispõe o autor” (BRAIT, 2002, p. 19).

1.4 Romance psicológico

Importante nos debruçarmos um pouco sobre o romance psicológico, uma vez que Marco Roth, em sua crítica a respeito de neuroliteratura, faz um paralelo com aquele estilo de narrativa.

É no final do século XIX e início do século XX, que a sondagem psicológica no romantismo sofrerá uma revolução. Muito contribuiu para isto a obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.

Este é um período de muitas mudanças sociais, advindas de grande desenvolvimento tecnológico, científico e conseqüente urbanização. A percepção é de que o tempo acelera-se. Além disso, de 1914 a 1918, ocorre a Primeira Grande Guerra, experiência que traz para a sociedade muita tensão e desesperança com o futuro. Pairava no ar o medo e a descrença no ser humano.

Concomitantemente, as teorias de Freud sobre o inconsciente traziam novas perspectivas sobre a mente humana. Toda essa conjuntura propicia mudanças no comportamento e pensamento que se refletirão na literatura através da subjetivação das impressões das personagens.

Os romances psicológicos desse início de século buscam captar as divagações internas, raciocínios e sensações das personagens. A linguagem da narrativa literária é, então, trabalhada para representar um fluir da consciência acontecendo simultaneamente ao ato da leitura. A mimetização do fluir da consciência desenvolve-se através de recursos discursivos como os “monólogos interiores”, técnica literária de apreensão e apresentação do fluxo de consciência que assemelha-se a um “diálogo” mental, uma introspecção da personagem que conversa consigo mesma, como se desdobrasse em duas entidades mentais (locutor e interlocutor) na troca de ideias. Como no pensamento, há desarticulação das frases, podendo apresentar-se de dois modos: monólogo interior direto e monólogo interior indireto.

No caso do monólogo interior direto, o pensamento da personagem flui como se fosse do inconsciente, como descreve Massaud Moisés (2004, p 308), “sem barreiras de qualquer espécie e sem obediência à normalidade gramatical”. O relato é na primeira pessoa do singular e o tempo verbal dominante é o presente. Dessa maneira a personagem expõe seus pensamentos mais interiores, numa espécie de confiança ao leitor.

Já no monólogo interior indireto há uma interferência patente do ficcionista, sem deformar o fluxo de ideias da personagem. Acontece como se a personagem não tivesse condições de expressar o subterrâneo de sua mente e o escritor faz essa ponte com o leitor. É utilizada a terceira pessoa e predomina o passado como tempo verbal.

Outra característica do romance psicológico é a quebra na linearidade do tempo, simulando a liberdade e dinamicidade do movimento de fluxo do pensamento. Sendo assim, passado, presente e, até mesmo, um futuro imaginário podem se misturar.

Este tipo de romance identifica-se com o movimento impressionista, movimento que surge em Paris na segunda metade do século XIX, uma vez que para o Impressionismo é fundamental o “sentir” - sentir o que a realidade exterior provoca na alma do artista. Inspirados por essa ideia, os autores tentam trazer para o texto literário as impressões, sejam elas fragmentadas, confusas ou contraditórias. Assim, ao lado da linguagem, são valorizados os sentidos sensoriais (sinestesia), principalmente o da visão. É através dela que se capta as experiências exteriores, decodificando intimamente as sensações e emoções que provocam. Há, portanto, um predomínio da descrição sobre a narração, traduzindo o estado de alma contemplativo das personagens.

1.5 Semântica e Estilo

O nosso intuito, no âmbito desse trabalho é analisar as características linguísticas da obra, buscando relações entre a pós-modernidade e neuroliteratura, para isso, esboçaremos apenas alguns pontos sobre semântica e estilo que possam auxiliar nossa pesquisa.

O trabalho do escritor, como de todo artista, é transformar a realidade, ou aquilo que se pensa em realidade, em linguagem literária expressiva. Parafraseando Proença Filho (2007, p. 18), o ser humano está em permanente e complexa interação com a realidade e precisa transformar todos os sinais que a vida lhe envia em signos, ou seja, em elementos de uma linguagem para poder interagir e comunicar-se.

A linguagem literária, portanto, utiliza de um sistema de signos, para a concretização de suas intenções, mas trabalha o discurso de forma a dar vida à criação artística. Ainda nas palavras de Proença Filho (2007, p. 33), “no texto literário, se configura uma situação que passa a “existir” a partir dele como tal e que caracteriza uma apreensão profunda do ser humano e do mundo”.

Nesta perspectiva, a linguagem literária é essencialmente conotativa. Figuras de linguagem, especialmente as metáforas, além de outros artifícios integrados em um texto literário, contribuem para a semântica discursiva. A Semântica, compreendida linguisticamente como o estudo do significado, busca interpretar esses sinais no discurso verbal. “A literatura é, pois, um sistema semântico em que se destaca a conotação, e esta é estreitamente vinculada às diferenças sociais.” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 36). E segue o autor:

Desse modo apreende-se que a obra literária, “por força de sua natureza criadora e fundadora, pode configurar-se como espelho ou como denúncia, como conservadora ou como transformadora” (2007, p. 39).

Como visto na construção do texto e na da personagem, o autor de narrativa literária tem a sua disposição múltiplas possibilidades linguísticas de escolha para representação da realidade. Nesse vasto campo, ele vai procurar aquelas que melhor configurem suas ideias, pensamentos e desejos.

Do ponto de vista linguístico, Estilo seria o resultado dessas escolhas realizadas pelo produtor de um enunciado, no caso o autor de uma narrativa, e a organização delas para representar determinada situação.

Por outro lado, estilo também “pode ser pensado, de maneira mais ousada como conjunto de diferentes instâncias textuais que implicam escolhas em relação às diferentes possibilidades oferecidas pelo sistema linguístico”, conforme Beth Brait (s.d., p 6).

Esta é uma visão bakhtiniana de estilo, que para ser entendida é preciso discorrer brevemente sobre o conceito de dialogismo do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975). Para Bakhtin, o dialogismo (interação) é a base para a linguagem. Esta interação não está dissociada do contexto sócio histórico e, devido à dinamicidade da atividade humana, transforma-se e adapta-se a necessidades de comunicação. Ainda segundo o filósofo, em todo enunciado há ecos e lembranças de outros discursos. Assim, o estilo está sempre sendo materializado na linguagem e sofrendo as influências dessa dinamicidade:

[...] a concepção de gêneros discursivos, conceituados por Bakhtin e o Círculo, representa uma forma de adaptação teórica à realidade social contemporânea, cujos gêneros se proliferam em função das necessidades imediatas de comunicação, tanto do enunciador quanto do leitor presumido, propiciando o aparecimento de múltiplos exemplares genéricos

nem sempre condizentes com o repertório conhecido. (PUZZO, 2015, p 4)

Para Bakhtin, estilo está presente em todo gênero discursivo, não apenas no gênero literário. No entanto, pensando na narrativa literária, nesta visão bakhtiniana de estilo, a referência é o texto e não o autor. É a organização textual, através de sua forma e conteúdo, que expressam as condições socioculturais:

[...]voltando-se para o texto e não para seu autor, persegue o que há de particular na organização textual, no sentido quase que sociolinguístico e retórico que o termo pode sugerir, ou seja, de registros, subcódigos, figuras de linguagem etc. (BRAIT, s.d., p 2).

3- O LADO LÍQUIDO DA VIDA: ANÁLISES

Em *O Lado Bom da Vida*, percebemos um narrador protagonista, o qual “dialoga” mentalmente consigo mesmo, como nos romances psicológicos. Sempre em primeira pessoa do singular, com o tempo verbal predominantemente no presente, Patrick Peoples expõe suas impressões e sensações. É um monólogo interior direto, no entanto, não configura uma desarticulação do pensamento, é mais uma confiança de suas impressões:

O sol irrompe através da janela do sótão e toca meu rosto, aquecendo-o, até que eu abro os olhos e saúdo o dia com as pálpebras semicerradas. Depois de um beijo, devolvo Nikki à cômoda do meu quarto e descubro que mamãe ainda está dormindo na minha cama. Noto que o copo de água que deixei para ela está vazio, e fico contente por tê-lo deixado ali, mesmo estando com raiva da mamãe agora (QUICK,, 2012, p.126).

Apesar de predominar o discurso indireto livre na narrativa, *O Lado Bom da Vida* também apresenta diálogos entre o narrador-protagonista e os outros personagens. O discurso direto, por sua vez, é formado por frases curtas, sem rodeios:

- Ei – digo para ela. – Você quer jantar comigo neste restaurante?
- Hoje à noite? – pergunta ela, sem olhar para mim.
- Sim.
- A que horas?
- Nós teremos que vir a pé, porque não tenho permissão para dirigir.
- A que horas?
- Estarei na frente de sua casa às sete e meia. (QUICK, 2012, p 61)

Para Bauman (2007) a vida líquida é “uma sucessão de reinícios”, o que leva à superficialidade nas relações sociais em geral e à individualidade. Isto se concretiza nos diálogos curtos e superficiais da obra, contrapondo-se à introspecção da personagem, elaborada por monólogos mais significativos.

No romance, Patrick Peoples busca recompor sua vida, mas sente-se um “peixe fora d’água”. Confronta-se com preconceitos de amigos e familiares, principalmente do pai, de quem busca uma aceitação. Apresenta temperamento de um adolescente. Luta contra a pró-

pria agressividade. Sonha com um final feliz na história de sua vida. Ao longo de toda a narrativa explícita sonhos, expectativas, sofre com desenganos e com a realidade. É um personagem dinâmico, o que o qualifica como um personagem redondo, mais complexo, portanto.

Essa complexidade do personagem vai ao encontro da busca de identidade que permeia o Homem contemporâneo. Em *Vida Líquida*, Bauman assevera que a individuação, nos dias de hoje, passa pela necessidade de ser aceito, mesmo que para isto seja necessário repetir comportamentos de um determinado grupo social:

A identidade navega entre as extremidades da individualidade descompromissada e da pertença total. A primeira é inatingível, e a segunda, como um buraco negro, suga e engole qualquer coisa que flutue nas suas proximidades (BAUMAN, 2007, p 44).

Em Bauman (2007, p 84), encontramos a assertiva de que o consumismo da sociedade pós-moderna resulta em uma “cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento”, condições que contribuem para um aumento de quadros psicopatológicos. Os sinais de desvios de comportamento são caracterizados no protagonista Pat Peoples e assinalados através das opções linguísticas e semânticas feitas pelo autor. Como asseverado em *Semântica e Estilo*, são essas escolhas que dão vida à expressividade e compõe um estilo. Além disso, semanticamente, a linguagem escolhida auxilia na percepção de um contexto, seja social ou cultural.

Agora vejamos o extrato a seguir, em que Pat “surta” na sala de espera do consultório psiquiátrico do Dr. Patel ao ouvir a música “Songbird”, do saxofonista Kenny G:

Então eu me levanto da poltrona, berrando, chutando cadeiras, derrubando a mesa de centro, pegando pilhas de revistas, jogando-as contra as paredes e gritando: – Não é justo! Não tolerarei nenhum truque! Não sou um rato de laboratório emocional! (QUICK, 2012, p 15).

Conotativamente, a escolha do uso dos verbos no gerúndio indica ação (continuidade), além disso, o ritmo da partícula “ANDO”, presente nos verbos, somado ao uso repetido de pontuação exclamativa e do léxico “não”, induzem uma sensação de explosão e desespero – tipificando um desequilíbrio emocional. Observa-se, ainda, a utilização das expressões “pilhas de revistas” e “rato de laboratório emocional”, metáforas que remetem à ideia de um espaço relacionado a área da saúde, no caso, o consultório psiquiátrico.

Muita informação é fornecida ao leitor através das escolhas feitas pelo autor. Vejamos este outro trecho de *O Lado Bom da Vida*:

Meu pai está assistindo à ESPN em sua nova televisão, e o sistema de som surround parece fazer a casa tremer. O relógio do micro-ondas indica que são oito e dezessete da manhã. Minha mãe se esqueceu de meus remédios novamente, então pego os oito frascos, retiro as tampas e busco as cores certas. Logo eu tenho uma dúzia de comprimidos alinhados sobre o balcão, e confiro para ter certeza de que as cores são mesmo as que eu tomo todas as manhãs. Engulo todos os comprimidos, pensando que talvez minha mãe esteja me testando de novo e, embora tecnicamente esteja bravo com ela, também estou muito preocupado agora, então subo até meu quarto e vejo que ela ainda está dormindo (QUICK, 2012, p127).

Neste único trecho temos, primeiramente, a citação da ESPN (Entertainment and Sports Programming Network), um grupo de canais de TV por assinatura dos Estados Unidos dedicado à transmissão e produção de programas esportivos 24 horas por dia. Isto provoca verossimilhança externa. Especificando o horário cedo da manhã que a programação está sendo

vista, indica, além de um fanatismo por este tipo de programação, um hábito da personagem, identificando uma coerência ou verossimilhança interna.

Ao especificar o tipo de som (*surround*) e adjetivar a televisão como nova, traz a narrativa próxima aos costumes consumistas da sociedade pós-moderna. O fato de que o som “parece fazer a casa tremer” logo de manhã cedo, dá indícios de que o pai do protagonista é uma pessoa individualista, que não se preocupa com as outras pessoas da casa. São situações condzentes com a sociedade líquido-moderna de Zygmunt Bauman.

Em seguida, reafirma a condição da doença psiquiátrica do protagonista ao narrar sobre as medicações. Nesta parte, fica evidente uma das características a que Marco Roth se refere, quando fala em neuroliteratura, em explicitar objetivamente os transtornos psíquicos e terapêutica. Também traz à luz, a medicalização pela qual as psicopatologias passam nos dias atuais, ao especificar a quantidade de frascos e de comprimidos, e a variedade destes ao utilizar o léxico “cores”.

A questão da centralização do tema no transtorno psiquiátrico do protagonista manifesta-se de várias formas ao longo da narrativa. Logo no início do romance, o sintoma de ansiedade de Patrick é evidenciado através de uma característica dessa patologia, que é a dificuldade em respirar:

Começo a me sentir ansioso, respirando com dificuldade, como às vezes me sinto (QUICK, 2012, p 10. Grifos nossos).

Os diálogos com o psiquiatra, Dr. Patel, mimetizam condutas médicas durante as consultas. Na página 24, de *O Lado Bom da Vida* (QUICK, 2012) é descrito, de forma objetiva, os efeitos colaterais típicos dos psicotrópicos:

Ele me pergunta se eu tenho experimentado qualquer efeito colateral indesejado – falta de ar, perda de apetite, sonolência, sentimentos suicidas, sentimentos homicidas, perda de virilidade, ansiedade, coceira, diarreia –, e eu digo que não.

A preponderância, nos dias atuais, da medicalização das patologias mentais sobre a psicanálise, fica evidente no seguinte trecho de carta que Patrick envia para a ex-esposa Nikki:

Cliff, meu terapeuta, acha que estou prestes a fazer um avanço fundamental na terapia, e ele sente que estabilizou minhas tendências violentas com medicamentos. Sei que em meus escritos mencionei ter cuspidos muitos de meus remédios logo que cheguei em casa, mas estou tomando todos os comprimidos agora e posso sentir que minha saúde mental está se estabilizando. Todos os dias, sinto como se estivesse mais perto de recuperar a lembrança de nosso fracasso (QUICK, 2012, p 197. Grifos nossos).

Patrick tem dificuldade em encarar a realidade e procura proteção refugiando-se na casa dos pais, mais especificamente no porão da casa, e agindo como se fosse um adolescente, apesar de estar com 34 anos de idade.

Minha mãe senta-se ao meu lado e diz:

– Está tudo bem, Pat. Eu estou aqui.

Deito a cabeça no colo dela e choro até dormir enquanto mamãe acaricia meu cabelo (QUICK, 2012, p35).

O uso do léxico mamãe infantiliza o personagem, e é assim que Patrick se refere à mãe na maioria das vezes, ao longo do romance. A forma como a cena é construída, a fala da mãe, lembram uma criança com medo, intensificando essa infantilização e necessidade de dependência do protagonista. A infantilização no jeito de falar e se comportar é uma forma de estar preso a um passado que acredita ter sido um período feliz. É uma negação do estado presente.

No porão da casa dos pais de Patrick, montou-se uma mini academia de ginástica, na verdade presente de sua mãe, quando de seu retorno para casa. Inconscientemente, a fuga da realidade para o protagonista encontra-se no porão. No local, ele não raciocina, apenas gasta suas energias com exercícios e refugia-se de seu passado e de cobranças tanto internas quanto do mundo exterior.

Retomando o estilo em Bakhtin e a questão do dialogismo, percebemos que o romance *O Lado Bom da Vida* procura o tempo todo interagir com a vida contemporânea. Para isso, o autor Mathew Quick faz referência à celebridades, a locais, a acontecimentos, ou seja, a todo tipo de aspecto comum à sociedade americana.

É o caso do futebol americano, que tem relevância na trama e é um elo entre os personagens e situações, sendo usado inclusive como determinante do tempo na obra. O esporte aparece em vários capítulos, com citações de jogadas e nomes de jogadores-celebridades do Eagles – time da Filadélfia, agindo como um fator de união, principalmente entre Pat e seu pai, um homem rude que mal conversa com ele e com quem não tem nenhuma afinidade. Como fica claro no seguinte pensamento de Patrick:

Olho para meu pai de vez em quando, certificando-me de que ele me veja torcendo, porque sei que ele só está disposto a se sentar na mesma sala que o filho mentalmente perturbado se eu estiver torcendo pelos Birds com todas as minhas forças.
(QUICK, 2012, p 68)

Fazendo outro paralelo com *Vida Líquida*, de Zygmunt Bauman, este comenta que na sociedade consumista líquido-moderna prevalecem valores de gratificação instantânea e de felicidade individual, que favorecem o surgimento de celebridades cuja notoriedade “funciona como uma cola que aproxima e mantém juntos grupos de pessoas que sem elas seriam difusos e dispersos” (BAUMAN, 2007, p 68).

Outro aspecto relevante na obra é a menção de clássicos da literatura americana. Mathew Quick, ex-professor de literatura, dialoga com esses textos, remetendo ao conceito de Bakhtin sobre a presença de ecos de outras vozes presentes no discurso. Ao nosso ver, o autor elege esta característica como um meio também de acentuar o transtorno psíquico de Pat Peoples.

Ao longo do romance são citados: *O Grande Gatsby*, de F.Scott Fitzgerald; *Adeus às armas*, de Ernest Hemingway; *A Letra Escarlate*, de Nathaniel Hawthorne; *A Redoma de Vidro*, de Sylvia Plath; *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J.D Salinger. Pat lê os clássicos e tem reações inusitadas em relação a cada um dos romances, pois na sua fuga da realidade, ele precisa ver o lado bom da vida e, portanto, está sempre em busca de um final feliz. No entanto, essas narrativas têm em comum finais bem realistas.

Ao ler *A Redoma de Vidro*, por exemplo, fica frustrado com o final aberto do romance. Quando descobre que o livro é basicamente a história de vida da autora Sylvia Plath, e que esta suicidou-se, conclui que esse é o “fim implícito” do romance. Ao chegar a essa conclusão, Pat tem um ataque de raiva, rasga o livro ao meio, jogando as duas metades contra a parede do quarto.

O fragmento a seguir denota uma reflexão de Pat sobre o romance *Adeus às armas*, de Ernest Hemingway:

Termino o livro chorando, um pouco pelos personagens, sim, mas também porque Nikki ousa dar aula sobre esse livro para crianças. Não posso imaginar por que alguém gostaria de expor adolescentes impressionáveis a um final tão terrível. Por que ela simplesmente não diz para os alunos do ensino médio que sua luta para se tornarem pessoas melhores não vai dar em nada? (QUICK, 2012, p. 22).

Na organização textual, o autor mostra um personagem inseguro, que se nega a aceitar a realidade dos fatos. Percebemos, na visão líquida da pós-modernidade, um pensamento de desalento quanto ao futuro, que está implícito na frase de Patrick Peoples:

Por que ela simplesmente não diz para os alunos do ensino médio que sua luta para se tornarem pessoas melhores não vai dar em nada? (QUICK, 2012, p.22)

Entretanto, o próprio título do romance em inglês, *The Silver Linings Playbook*, que em tradução literal significa “manual do lado positivo”, encerra uma conotação de esperança. “Silver lining” é uma expressão inglesa para “lado positivo”, e tem origem em um poema do poeta inglês John Milton (1608-1674), no qual ele diz ver um fundo prateado (silver lining) em uma nuvem negra. Acreditamos ser uma forma lírica que o ex-professor de literatura e escritor Mathew Quick encontrou para dizer que sempre há esperança, vivificando esta máxima através de seu personagem problemático Patrick Peoples.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui, a título de recordação, e como ponto de partida para as nossas reflexões finais, as declarações do crítico americano Marco Roth a respeito da neuroliteratura. Em sua visão, a neuroliteratura é uma tendência de gênero literário contemporâneo, em que os autores voltam-se mais às características objetivas das psicopatologias do que para a subjetivação das impressões das personagens. Roth inclusive comenta ser a neuroliteratura o destino do romance psicológico em nossa era.

Através de nossa análise, percebemos sim uma tendência em se objetivar a psicopatologia do protagonista de *O Lado Bom da Vida* através de situações como a medicalização, as narrativas das consultas psicanalíticas, a descrição de sua insegurança e estados emocionais.

O contraponto é a mimetização das impressões subjetivas de Pat através de seus monólogos interiores. Por meio de escolhas linguísticas, o fluir de pensamento do protagonista algumas vezes lembra o início dos romances psicológicos e o movimento impressionista.

Refletindo a respeito da verossimilhança com a pós-modernidade, *O Lado Bom da Vida*, através de um estilo próprio do autor, e coerente com o espírito da atualidade, evidencia quão complexa e delicada são as interações nas relações humanas, a grande necessidade que as pessoas sentem de aceitação e pertencimento a um grupo, os medos e inseguranças que o modo de vida contemporâneo gera e os desequilíbrios emocionais/mentais que estes podem provocar.

Em suma, Quick reflete em seu romance o que Bauman destacaria como tendências da vida contemporânea: uma vida desafiadora, de sucessivos reinícios, uma vida líquida.

Reafirma-se, assim, as palavras de Ligia Cadermatori (s.d., p. 8) em *Períodos Literários*:

Cada período é dominado por um determinado ponto de vista a partir do qual se cunha um padrão de homem, representação simbólica de uma concepção de humanidade que configura, esteticamente, a ideologia de um determinado momento.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRAIT, B. *A Personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. *O conceito de estilo em Bakhtin: dimensão teórica e prática*. [s.d.]. Disponível em: <http://s3images.coroflot.com/user_files/individual_files/300336_SYpIFlI9119AIN1U9PfecIDUk.pdf>. Acesso em 31 jul. 2020
- CADEMARTORI, L.. *Períodos literários*. São Paulo: Ática, [s.d.]. Série Princípios, v 21.
- CANDIDO, A. et al. *A Personagem de ficção*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- FENSTERSEIFER, L.; WERLANG, B. S. G. Comportamentos autodestrutivos, subprodutos da pós-modernidade? *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 24, n. 47, p. 35-44, out./dez. 2006.
- MOISÉS, M. *Dicionário de Termos Literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PROENÇA FILHO, D. *A linguagem literária*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007. Série Princípios, v.49..
- PUZZO, M. B. Gênero discursivo, estilo, autoria. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 172-189, dez 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v28i2p172-189>> Acesso em 14 abr.2020.
- QUICK, M. *O Lado Bom da Vida*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- ROTH, M.. The rise of the neuronovel. *N+1 Magazine*, [s.l], v. 8: Recessional, Fall 2009. Disponível em: <<https://nplusonemag.com /issue-8/essays/the-rise-of-the-neuronovel>>. Acesso em: 4 ago.2019.

ABSTRACT

Neuronovel is a neologism created by the American literary critic Marco Roth, referring to a tendency in contemporary Anglo-American literature in use psychiatric disorders as a premise. This academic work presents the proposal of researching Neuronovel through the analysis of the protagonist character of the novel *The Silver Linings Playbook*, by Matthew Quick. We intend to reflect linguistically, semantically and stylistically which aspects are present in the modern contemporary literature that characterize this new trend and the characteristics of verisimilitude with postmodern society.

KEYWORDS

neuronovel, postmodernity.

NOTAS

- ¹ Pós-modernidade é um conceito usado para designar a conjuntura sociocultural, principalmente do final dos anos 1980 até os dias atuais. Caracteriza-se pelo domínio do sistema capitalista, globalização e pela revolução tecnocientífica, com grandes avanços na área da informática, Nanotecnologia e Biotecnologia, destacando-se a robótica, a genética, as telecomunicações, dentre outros.

